

## FICHA TÉCNICA

[facebook.com/manuscritoeditora](https://facebook.com/manuscritoeditora)

© 2018

Direitos reservados para Letras & Diálogos

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título original: *Foi sem Querer Que Te Quis*

Autor: *Raul Minh'alma*

Copyright © Raul Minh'alma, 2018

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2018

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © Mark Owen/Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Fotografia do autor: © Marcelo Silva

Ilustrações do autor

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN 978-989-8871-65-7

Depósito legal n.º 447 049/18

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2018

Esta é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.



— Acabou.

Esta simples palavra parecia ter a forma de uma mão gigante que me agarrava e começava a apertar-me o corpo esvaziando-me o ar dos pulmões. Senti-me repentinamente submersa num oceano de lágrimas desejosas de me abandonarem os olhos.

— Como assim, acabou, Gabriel? *Perguntei por impulso, com a inútil expectativa que me desse uma resposta contrária.*

— Desculpa! Eu tenho andado muito confuso. Não sei se é isto que eu quero, não sei se é isto que preciso. Eu tenho de ser o mais correto possível contigo e isso implica afastar-me de ti para assentar as minhas ideias, refletir sobre aquilo que sinto e tentar perceber porque é que eu não estou bem.

— Não, Gabriel! Não pode ser. Como é que isso é possível? Eu sempre fiz tudo por ti, sempre dei... *Falhou-me a voz.* Sempre dei o meu melhor por esta relação. Abdiqueei de muitas coisas por nós e esforcei-me sempre para corrigir as minhas falhas e melhorar os meus defeitos. E estás a dizer-me que não sabes se é isto que tu queres e precisas? Não, isto não pode estar a acontecer!

— Beatriz... tem calma. Isto também não é nada fácil para mim porque sei que estou a magoar uma pessoa que me é muito importante, mas eu não consigo nem posso estar ao teu lado incompleto. Não estaria a ser justo contigo e de certeza que tu também não irias querer isso. E é assim que eu me sinto. Incompleto. Não penses que a falha é tua ou que cometeste algum erro. O problema é meu e sou eu que tenho de o resolver.

Gabriel pousou a mão sobre o meu braço e senti, naquele gesto, uma compaixão dolorosa que me fez sufocar ainda mais no habitáculo daquele carro parado no estacionamento em frente ao meu prédio. Era o típico gesto de um amigo a tentar confortar outro pela perda de um ente querido e isso deu-me uma náusea tão intensa que julguei que ia vomitar ali dentro.

— Abre o vidro. Rápido! *Pedi-lhe.*

Deu meia-volta à chave do carro e fez descer o vidro do meu lado. Coloquei a cabeça ligeiramente de fora e respirei fundo várias vezes o ar fresco da noite que guardava para si em segredo todo aquele cenário de despedida. De costas para ele, apercebi-me pelo seu silêncio que ficou sem saber o que dizer para não piorar o estado em que me tinha deixado. De certa forma, agradecia-lhe, pois sabia que naquele momento só a voz dele iria remexer-me de novo o estômago. Enquanto lutava contra o acelerar do meu ritmo cardíaco com respirações profundas, dei por mim a focar o meu olhar numa lata de *Coca-Cola* vazia, amassada e abandonada junto ao passeio. Senti uma empatia imediata com aquele pedaço de lixo. No fundo, também eu tinha dado tudo o que tinha de mim. Também eu tinha sido completamente sugada, amassada e estava prestes a ser abandonada junto àquele mesmo passeio. Éramos a prova quase viva de que dar tudo é um bom começo para ficarmos sem nada.

— O que é que te falta? *Perguntei, assim que me recompus o suficiente para voltar a ouvir a voz dele.* Diz-me o que é que te falta ao meu lado se eu sempre te dei tudo o que tinha de mim? É o sexo que não é bom? Sou eu que não sou boa o suficiente para ti? Meu Deus... já sei. Conheceste outra pessoa? Foi isso, não foi?

— Não digas asneiras, Beatriz. Nem comeces a fazer filmes na tua cabeça. Eu não tenho ninguém. Já te expliquei que o problema é meu, vem de mim e é responsabilidade minha.

— Tretas, Gabriel! Tu apenas não queres dizer a verdade para não me magoares ainda mais. Mas se é para doer então prefiro, e peço-te, que me magoes com a verdade. Não tenhas medo de dizer que já não me amas, não tenhas medo de dizer que já não sentes o mesmo, que não é mais a mesma coisa e que perdeste o interesse. Eu prefiro mil vezes a certeza de que acabou de vez do que a dúvida indefinida de que isto ainda pode resultar.

— Desculpa, mas não me peças para te dizer que não te amo porque sinto que não estaria a ser verdadeiro. Mas também não sei se aquilo que eu sinto é forte o suficiente para lhe chamar amor.

Assim que ele terminou de dizer aquela frase, comecei a sentir um nó na garganta e o estômago novamente às voltas. Tornei a pensar na lata junto ao passeio e desta vez senti inveja dela por acreditar que eu conseguia estar em pior estado do que ela naquele momento. Como se não bastasse, senti-me ridícula ao aperceber-me de que sentia inveja de um pedaço de lixo. E ainda para piorar comecei a sentir raiva de mim mesma por não conseguir parar aquele turbilhão de sensações e pensamentos que se apoderava de mim. Era como se na minha mente e corpo estivesse a acontecer um erro informático incontrolável daqueles que faz surgir montes de janelas umas atrás das outras no ecrã do computador. Senti-me incapaz de ter um raciocínio lógico com tanta turbulência emocional, mas sentia-me ainda mais incapaz de permanecer calada.

— Quem ama sabe que é amor. Quem ama sabe que só quer estar ao lado daquela pessoa. Se tens dúvidas é porque não amas. Se não sabes se é forte é porque não é forte e se não é forte não é amor. *Senti-me orgulhosa ao aperceber-me do raciocínio que estava a conseguir fazer e ao mesmo tempo ridícula por ter reparado nesse pormenor. Mas continuei.* Amar é querer e é saber. Se tu não sabes, se tu não queres e se tu nem sabes o que queres é porque não amas. Por isso é preferível que me digas logo as coisas como elas são. Dói, muito, mas é melhor para mim, Gabriel. Se me vais deixar

sozinha, pelo menos não me dificultes a tarefa de seguir em frente. Se me vais fechar a porta, então fecha-a bem.

— Eu não sei se isto é um fim. Eu apenas preciso de um tempo para organizar a minha mente e o meu coração. Quem sabe se tudo se resolve e isto seja apenas uma má fase.

— Cala-te! Estás a dizer isso só para atenuar a minha agonia neste momento. Sabes bem que as coisas não vão melhorar só porque sim. Isto não é uma discussão em que nos zangamos e que depois de uma noite de sono está tudo bem outra vez. Isto és tu que me estás a dizer que duvidas do que sentes por mim. E quando uma relação chega a este ponto sabes muito bem que já muita coisa morreu e não há muito a fazer. Pedires um tempo é só um disfarce. Uma forma cobarde de camuflares a realidade, de te ires afastando aos poucos e não parecer que foi uma decisão exclusivamente tua. Pesa-te essa responsabilidade e por isso preferes agir como um cobarde. Pois é isso que tu és. Nem capacidade tens de admitir as coisas, de seres um homenzinho e assumires as tuas decisões.

Comecei a sentir uma sensação tão estranha que olhá-lo começava a tornar-se insuportável, mas sabia que assim que deixasse de poder fazê-lo ia desfazer-me em lágrimas. Lágrimas que não estava a conseguir verter. O que acentuava o nó que sentia na garganta.

— Não sejas injusta comigo. Não é ódio que eu mereço que sintas por mim. Eu estou apenas a fazer aquilo que acredito ser justo para os dois. Mas isso implica termos de sofrer. E sim, estou a falar dos dois porque eu também estou a sofrer com isto.

— Então não faz sentido tu sofreres e eu sofrer também por estarmos longe um do outro só porque achas que isso é o mais justo. Porque é que não me deixas ajudar-te a resolver isso? Sempre estive do teu lado e já passámos por outras fases menos boas. De certeza que vamos superar esta também.

— Se continuar ao teu lado, vou continuar sem resolver os meus problemas. Preciso de sentir a tua falta. Algo que só consigo estando longe de ti. E talvez seja isso mesmo que eu esteja a precisar. Perceber que sinto a tua falta e que é ao teu lado que tenho de estar.

As minhas mãos começaram a ficar dormentes e percebi que a ansiedade começava a tomar conta de mim. Queria ir embora dali, mas não conseguia fazê-lo sem esclarecer o melhor possível aquele fim. Já era mau o suficiente tudo aquilo, mas quanto mais perguntas ficassem sem resposta pior seria.

— Porque é que nunca me deste sinais de que não estavas bem?

— Eu dei-te muitos sinais, Beatriz. Mas talvez tu não tenhas reparado ou dado importância. O que te posso garantir é que isto não caiu do céu. Já se arrasta há algum tempo e se eu estou a tomar esta decisão agora é porque é o meu último recurso. Sinto que é o que deve ser feito, mas acredita que não está a ser nada fácil.

— Se não está, não te afastes de mim. Fica comigo e vamos resolver mais esta batalha juntos. *Supliquei de olhos raiados na direção dele enquanto lhe segurava na mão.*

Gabriel soltou um suspiro e desviou o olhar do meu. Nesse preciso instante percebi que não havia mais nada a fazer. Não iria conseguir demovê-lo da sua decisão. Além disso, se mudasse de ideias seria por pena ou por favor e não tardaria muito a arrepende-se e a voltar atrás. Um cenário bastante pior para mim. Soltou por fim a mão da minha e pousou-a sobre a manete das mudanças.

— É melhor eu ir-me embora. *Atirou sem me olhar.*

Não voltei a insistir, peguei na mala pousada no chão entre as minhas pernas e como se estivesse a deixar um sonho e uma vida inteira para trás saí do carro e bati com a porta. Aquele baque ficou a entoar-me nos ouvidos e foi como se abafasse todos os outros sons, inclusive o arranque do motor do carro do Gabriel, que se preparava para abandonar o estacionamento. Era como se tivesse entrado num mundo paralelo todo ele submerso. Esperei que o Gabriel recuasse o carro e depois baixei-me para apanhar a lata amassada de *Coca-Cola*. Atravessei a estrada em direção ao ecoponto que estava do outro lado e coloquei-a lá dentro. Assim, aquela lata um dia iria renascer, ser novamente preenchida e regressaria à vida. Tal como eu... um dia. Olhei para o fundo da estrada e reparei que o carro de Gabriel tinha parado nos semáforos. Por instantes desejei que aquele semáforo não ficasse verde,

pois seria o confirmar daquela despedida. Durante aqueles segundos fugazes imaginei-o a sair do carro e a correr na minha direção a dizer que estava arrependido e não conseguia viver sem mim. Mas não tive tempo sequer de conhecer a sensação daquela visão, pois o semáforo ficou verde, ele cortou à esquerda e desapareceu. De repente, os sons voltaram a desenhar-se nos meus ouvidos, o mundo inteiro caiu-me sobre os ombros, atirando-me de joelhos contra o asfalto ainda quente, e as lágrimas jorraram dos meus olhos como se eles fossem barragens a ceder à força das águas. Perdi a noção de quanto tempo estive ajoelhada no meio da estrada até o carro que se aproximou por trás de mim ter buzinado. Agarrei na mala, ergui-me e sem pedir desculpa precipitei-me para o interior do prédio. Entrei no apartamento devagarinho para não acordar os meus pais e a minha irmã e fui direta para a casa de banho. Debrucei-me sobre a sanita e vomitei tudo o que tinha no estômago. Lavei os dentes, coloquei um comprimido para a ansiedade debaixo da língua, deitei-me na cama e apaguei.